

Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

O SEculo

N.º 711

# FLORES DO CAMPO

Por VIRGINA LOPES DE MENDONÇA

**A** Luiza e o Pedrito, de volta do seu primeiro passeio pelo campo, trouxeram para casa dois ramalhetes de flores.

— «São lindos; não são, mãezinha?» — disse a pequena, mostrando-as à mãe.

— «Mas não servem para nada!» — exclamou o Pedrito, olhando o seu ramo, muito desconsolado.

— «Estás enganado, meu filho! Há muitas flores do campo que não só

são lindas, mas têm, também, muita utilidade. Ora, vamos lá ver que flores trazem vocês aí?»

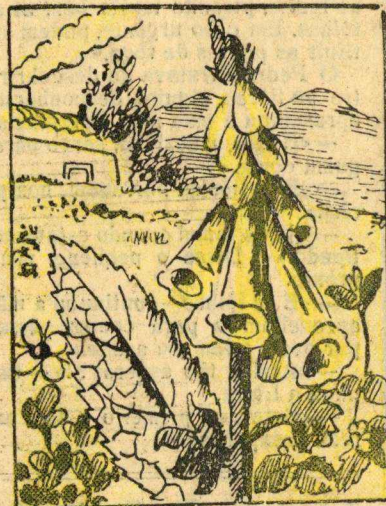
— «Eu trago papoulas, cardos...» explicou a Luiza.

— «Pois bem, o suco das papoulas, dá-nos a morfina que, bem empregada, alivia muitos males.»

— «E o cardo para que serve, assim, tão cheios de picos?» — perguntou a pequena que, ao mexer num deles, logo se picara.

— «As suas fôlhas são uma espécie de bebedouro para os passarinhos.

Ali vão procurar as gotas da água da chuva que elas juntam. Parece até que a natureza teve a providência de encher de picos as suas hastes para impedir que os animais, que rastejam como a



lesma e a lagarta, subam pela planta acima. Assim, guardam, só para as avezinhas, a água fresca que as fôlhas contêm.»

Pegou, depois no ramo da filha e, apontando certa flor, acrescentou:

— «Esta, chama-se dedaleira. Também é útil, mas perigosa. Quando a apanharem, nunca levem a mão à boca porque é venenosa.»

O Pedrito, curioso, indagou:

— «E, então, que bem faz?»

— «É dela que se tira a digitalina, remédio que diminui o sofrimento do coração, regularizando-o. Enfim, é uma planta de morte mas, as mais das vezes, é uma planta de vida.»

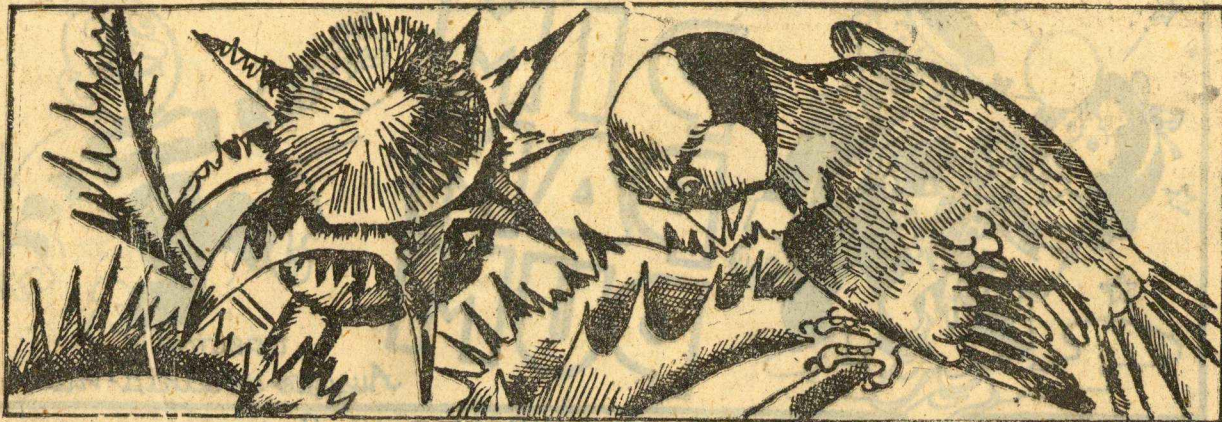
— «E no meu ramo, mãezinha, o que há que se aproveite?» — perguntou o Pedrito.

— «Essa flor amarelinha, que aí tens...»

— «É o botão de ouro! Tão lindo!»

— «Pois o botão de ouro é lindo mas é nocivo. Quere dizer, faz mal





aos animais. O que vale é que eles são prudentes, por instinto, por isso, raramente lhes tocam, senão depois de secos e então já não lhes são prejudiciais. Se cortarmos o bôlbo dessa planta ao meio e pusermos uma das metades sobre a língua, sentiremos logo uma sensação de queimadura.»

Muito interessada, a Luiza acudiu:

— «E se os bois a comessem?»

— «Morriam, certamente. Mas para nós serve-nos para cataplasmas que se fazem, pisando muito bem as suas folhas. Em caso urgente, podem substituir as pontas de fôgo.»

O Pedrito tratava de descobrir entre as flôres, alguma desconhecida e apresentou à mãe uma florzinha azul.

— «E esta, mãezinha, serve para alguma coisa?»

— «E' a flôr da borrâgem, boa para chá.»

— «Já as tomei quando estava constipado.» — Disse o pequeno, muito pronto.

— «E as folhas—continuou a mãe—aproveitam-se para comer, passadas por ovo e fritas em azeite.»

— «Assim, tão ásperas?!» — estranhou a Luiza.

— «Batem-se primeiro e essa aspereza desaparece.»

O Pedrito tornou a apresentar à mãe uma haste florida.

— «Que nome tem esta flôr que cheira tão bem?»

— «Madressilya. As suas flores per-



fumadas depois de secas, podem aproveitar-se para chá. E' um calmante.»

— «Outra que também cheira que é um regalo.» — e o pequeno mostrou à mãe uma linda flôr amarela.

— «Chama-se giesta. Além da sua

beleza e perfume, tem imensas aplicações.»

— «Também é remédio?!» — perguntaram os dois irmãos.

— «Como medicamento, tem propriedades tónicas. Mas a gente rústica emprega as suas hastes para cobrir cabanas, que servem de abrigos contra o sol e a chuva, quando têm de trabalhar dias e noites a fio, no meio dos campos. Também serve para fazer fogueiras no inverno e ainda para mais cousas que nem calculam!»

— «Para que mais?!»

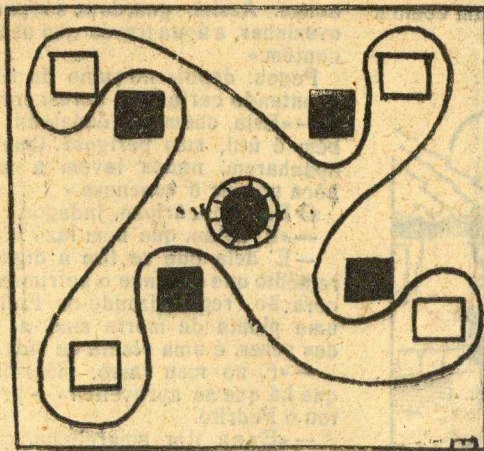
— «Para fazer vassouras, para camas do gado e muitas obras de espartaria, como esteiras, ceirões, etc. Já vocês vêem, nêstes poucos exemplos, quanto são úteis as lindas flôres do campo que nenhum trabalho dão para nascer, como acontece às do jardins.»

A Luiza, propôs: — «Vamos pô-las numa jarra para aproveitarmos também a sua beleza, como enfeite da nossa casa.»

O Pedrito acrescentou: — «Ainda as acho mais lindas desde que sei que servem para tanto!»

E, com muito carinho, foram dispôr as flôres dentro das jarras que ornamentavam a casa de jantar.

## PASSATEMPO



(Solução do número anterior)

## CONCURSO DE LEGENDAS

Publicando na página 6 os versos premiados no nosso *Concurso de legendas a prêmio*, relativos à **História Muda**, publicada no número 708 do nosso suplemento, inserimos a lista de todos os classificados pela respectiva ordem:

1.º Prémio: — Rogério Claro, vencedor pela segunda vez, Rua Almirante Reis, 32-1.º — Setúbal.

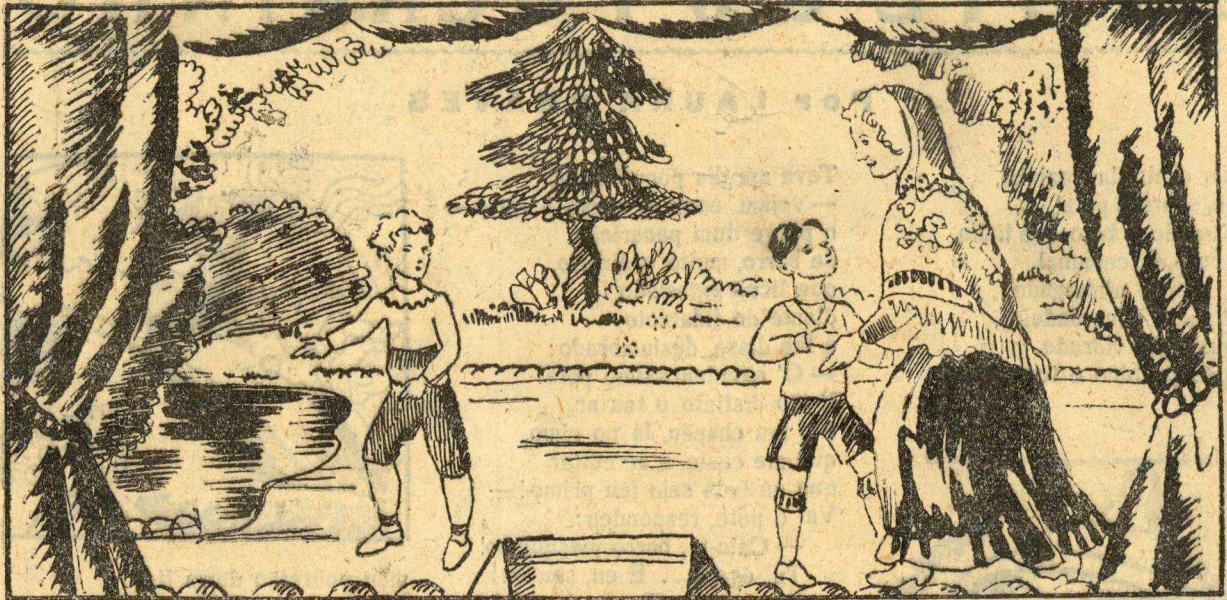
2.º Prémio: — Fernanda Alegria — Rua Conselheiro Boaventura de Souza — Oliveira de Azemeis.

Menções honrosas — Armando Garcia Felix, Flexa Sibilante, Artur Manoel Lopes Mena Neves, Rui Victor da Silva Almeida, Maria Helena de Moura e Sá Santos, Venceslau Nunes Martins, Maria Alice e Maria Isabel Pereira Fogaça.

A NOSSA CONSTRUÇÃO:

## UMA ALDEIA INDÍGENA

Chamando a atenção dos nossos pequeninos leitores para o fragmento da construção para armar, que inserimos na página 8, lembramos aos nossos amiguinhos a conveniência de rerelem as instruções publicadas no número passado.



TEATRO INFANTIL

NINGUEM DEVE FAZER MAL

Por JOSÉ DE CAMPOS RODRIGUES

(Ao meu pequenino amigo LILOCAS SILVEIRO)

PERSONAGENS

AVÓ — LOURENÇO, rapaz de 7 anos e MANUEL, de 10.

A cena representa a álea de um jardim; junto de um canteiro, um banco.

CENA I

MANUEL (que entra correndo e pára no pátio, olhando para todos os lados, muito agitado:)

— Onde hei-de eu esconder o lenço?

(Mostra, na mão, um lenço de seda.)

Hei-de deitá-lo no lago,  
Ou escondê-lo entre as flores?  
Sim, porque o lenço que trago  
Não é meu, é do Lourenço;  
E' dêsse «amor dos amores»  
No dizer da minha avó,  
Que o ofereceu ao meu mano  
Dando-me a mim outro igual.

(Mostra o seu lenço, que traz dentro do bolso.)

E a avó disse, por meu mal,  
Que daria pão de ló  
Àquele que, de hoje a um ano,  
O lencinho lhe mostrasse;

Mas eu roubei-o ao Lourenço. (Mostrando o lenço que roubou:)

Sem que êle até suspeitasse

E agora... deito-o no lago.  
Logó falo-lhe no lenço  
E êle, então, num gesto vago,  
Dirá que o tem na algibeira;  
Há-de qu'rer mostrá-lo à avó...



E vai... cai na ratoeira.  
Todos julgam que o perdeu  
E, como eu conservo o meu,  
Ganharei o pão de ló.  
(Pondo-se à escuta.)

Sinto passos... o Lourenço  
Deve em minha busca andar,  
Animo, pois! E o lenço.  
Vou já no lago deitar.

(Quando vai meter o seu lenço na algibeira, fá-lo com tal precipitação que êste cai; Manuel sai correndo.)

CENA II

(Lourenço, mais novo que seu irmão, entra, chamando por êste.)

LOURENÇO

— Manuel, oh Manuel,  
Não sei como dar com êle...  
Perdi o lenço e queria  
Preguntar-lhe se o achou.

(Anda agitado, indagando se pelas ruas que desembocam em cena, o irmão terá passado, mas nisto, olhando para o meio da cena, descobre o lenço que o irmão deixara cair e julga que é o seu.)

Ah! mas que grande alegria,  
O meu lenço onde ficou!  
O que diria eu à avó  
Se o lenço não encontrasse  
E se ela me perguntasse  
Por êle? Sem pão de ló  
Certamente ficaria;  
E, além disso, entristecia  
A minha querida «vóvó»!

(Mudando de tom:)

O Manuel a chegar  
Deve estar com a avózinha  
Que sempre vem, à tardinha,  
Lindas histórias contar.

(Olhando p'rá direita:)

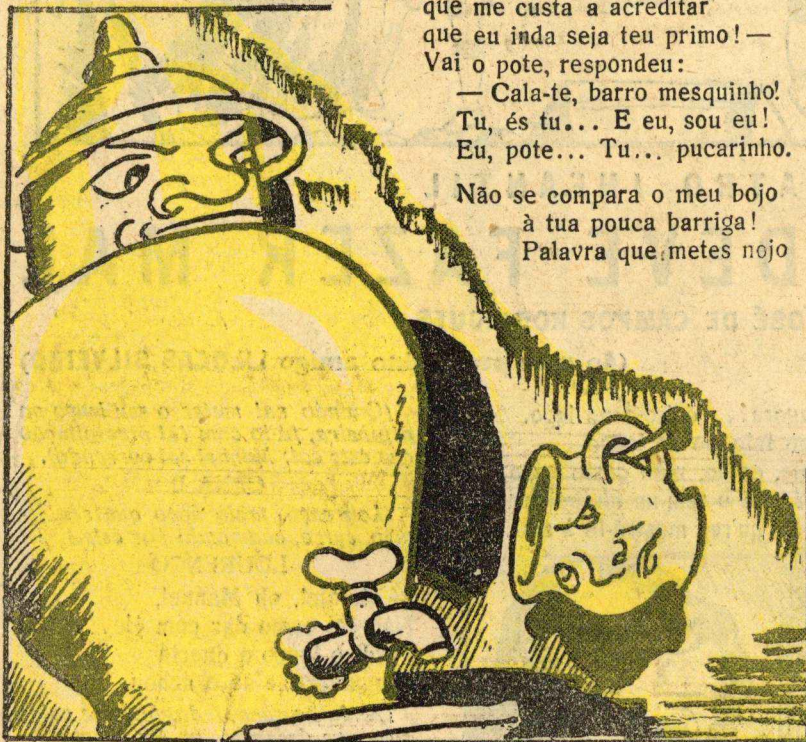
Ei-los, que já aí vêm!

(Vai ao encontro de ambos, que aparecem.)

# O POTE e o PUCARINHO

Por LAURA CHAVES

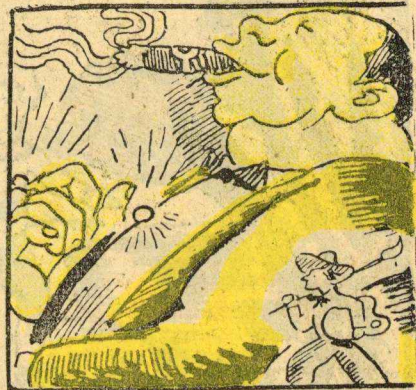
A um canto da cozinha,  
vivia, sôbre o poial,  
mostrando o bojo que tinha,  
um pote descomunal.  
Era mesmo afidalgado,  
de linhagem verdadeira,  
usando fato vidrado,  
chapéu de bico e torneira.



Teve um dia por vizinho,  
— vejam como o acaso é vário —  
o pobre dum pucarinho  
de barro, muito ordinário,  
que ficou extasiado  
diante do fidalgote  
e lhe disse, deslumbrado:  
— O' excelentíssimo pote!  
É tão distinto o teu ar  
e o teu chapéu, lá no cimo,  
que me custa a acreditar  
que eu inda seja teu primo! —  
Vai o pote, respondeu:

— Cala-te, barro mesquinho!  
Tu, és tu... E eu, sou eu!  
Eu, pote... Tu... pucarinho.

Não se compara o meu bojo  
à tua pouca barriga!  
Palavra que metes nojo



meu pobretão duma figa!  
Vê lá a vista que eu faço  
todo lustroso, brilhante...  
emquanto que tu és baço,  
humilde, insignificante!—

E perante êste dizer,  
com vergonha, o pucarinho,  
sentiu a asa a tremer  
e pôs-se a chorar baixinho.  
Foi tão grande a comoção  
que êle sentiu, tanta a mágoa,  
que ao terminar o sermão  
tinha os poros cheios de água.  
E é de supôr, pelos modos,  
que foi essa aleivosia  
que faz os púcaros todos  
inda chiar hoje em dia.

Pois neste mundo bizarro,  
também há gente emproada  
que se julga doutro barro  
porque por fóra é vidrada,

## CENA III

LOURENÇO (para a avó):

— «Vòzinha» como passou?  
Bonitos olhos que a vêem!

MANUEL (à parte e catarolando)

— Na perda do lenço  
Ainda o Lourenço  
Não reparou...

(Depois à avó)

Avòzinha, aquele conto...  
Daquele rei, muito tonto,  
Que só mal queria fazer  
E que, às vezes, por castigo,  
Era a vítima do perigo  
Em que ia os outros meter?!...

LOURENÇO (interrompendo-o):

— Mas primeiro, «vòvózinha»  
Veja como o seu netinho  
Guarda aquilo que lhe dá.

AVÓ

— De que falas?

LOURENÇO

— Do lençinho!

MANUEL (à parte)

Agora vai ser fresquinho,  
O lenço no lago está!

(Entretanto, Lourenço tira o lenço  
do bolso, enquanto o irmão olha para  
o lado, procurando esconder a sua

perturbação e julgando que o irmão  
está procurando o lenço nas algi-  
beiras).

LOURENÇO

— Avòzinha, eis o lençinho!

AVÓ

— És um amor, meu' netinho...

MANUEL (voltando-se e olhando,  
espantado, o lenço que o irmão tem  
nas mãos).

— O quê?!... Mas, então, o meu?  
Êsse...

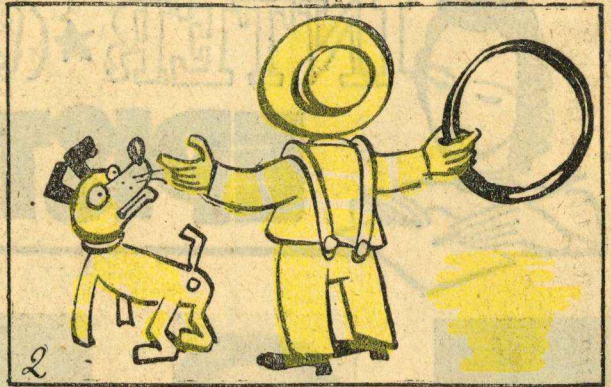
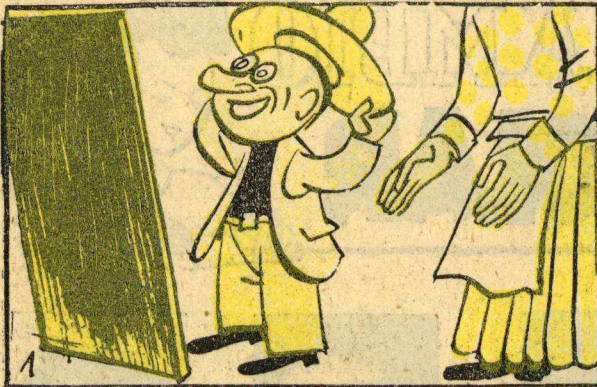
AVÓ (desconsolada)

— Já perdeste o teu?

(Continua na página 7)

# FARÓFIAS, O PATETINHA

Por MARIA ARCHER



Farófias tinha estreado uma farpela de seda crúa para ir à festa. O seu chapéu era de palha fina. Os sapatos, de camurça branca. O cinto, de fivela metálica. Farófias sentia-se janota a valer. Mirou-se ao espelho desvanecido. A mãe disse-lhe:

— Calça as luvas, filho...

Farófias calçou as luvas e voltou para o espelho.

— Que estás a ver? perguntou a mãe.

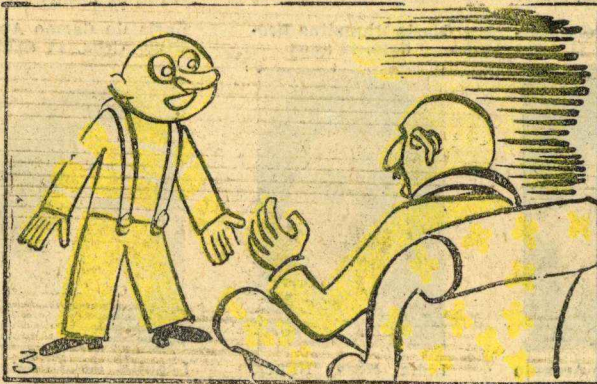
— Se as luvas me ficam bem à cara, respondeu o vaidoso.

Farófias tinha um grande cão que saltava a corda e o arco e fazia ou-

tras habilidades. Mas não ladrava. Era mudo de nascença. Ora Farófias gabava o seu cão a tóda a gente.

— Para os ladrões, não há melhor, dizia ele, muito convicto.

O Sarapisco, amigo de Farófias, tinha uma bela capoeira onde os ladrões iam de noite roubar as gali-



nhas. Um dia lembrou-se de pedir o cão emprestado ao amigo.

— E' só por esta noite, para me guardar a capoeira, pediu êle. E, como recompensa, dou-te um lápis e o livro das estampas de «cow-boys»...

Farófias emprestou o cão. Nessa noite os ladrões levaram todas as ga-

linhas do Sarapisco, sem que o cão desse sinal de alarme.

— Êste cão não presta para nada! exclamou o Sarapisco, indignado, quando viu a capoeira roubada.

— Essa agora! Então não reparou em como êle foi bom para o ladrão? respondeu Farófias, o patetinha.

Duma vez em que o pai de Farófias andava adoentado, proibiu que deixassem entrar em casa as pessoas que o procurassem.

— Digam que saí...

Ora bateu à porta um sujeito desconhecido e o Farófias foi abrir. Ouviu-se, no quarto do pai, uma troca



de palavras à porta. Quando o pequeno veio para dentro o pai, perguntou:

- Quem era?
- Não sei, êle não disse.
- E que vinha cá fazer?
- Também não disse.
- E com quem queria falar?
- Não chegou a dizer.

— Mas porque mandaste o homem embora?

— O pai recomendou-me para eu dizer que tinha saído.

— E então... como sabes tu que o homem me procurava?

— Ah! respondeu o Farófias, muito naturalmente, porque êle disse que queria falar com um traste que vivia aqui em casa...

Farófias foi para o campo. Morava numa quinta onde abundavam os pardais. O caseiro lamentava-se, todos os dias, da passurada.

— Comem mais que um rebanho, dizia o caseiro.

Ora veio da cidade uma pintora inglesa e pediu licença para ardar pela quinta a pintar.

(Conclui na página 7)



# INTER \* CAMBIO EPISTOLAR



Maria Lulza Almêida  
Lopes, 18 anos



Constança do Rosário de  
Jesus Pedro, 11 anos



Maria Manuela Mar-  
ques Soares, 11 anos



Maria Miquelina Deo-  
dato, 14 anos



Maria do Carmo An-  
selmo Cruz, 14 anos



Cesaltina Rosa Baleia  
18 anos



Constança Ferreira  
Soares, 14 anos



Maria Judite Arcanjo  
Correia, 13 anos



Lidia Rosa Nunes,  
15 anos



Leonilda de Oliveira  
Anjinho, 14 anos

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe fôr destinada, dentro doutra que será endereçada à Redacção do «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Inter-câmbio epistolar.*

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de inter-câmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram na coluna superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica, na mesma verticalidade, em baixo.

## ■ CONCURSO DAS LEGENDAS ■

### OS ANÕES E O SOL

I

Em certo país distante,  
País que foi encantado  
Por uma fada importante,

Dorme o sol, a descansar  
Do seu trabalho diário.  
Todos os dias a andar  
Cumpre assim o seu fadário

Dois anõezinhos do rol,  
Dêsse país já citado,  
Juraram mudar o Sol.

II

Alta escada levantaram  
Até onde o Sol dormia  
E a cara dele pintaram.

E com doidas pinceladas  
Fizeram farto bigode,  
Duas suíças cortadas,  
Uma barbicha de bode.

Acabada a brincadeira  
Cada anão à parte ria,  
Fugindo em grande carreira.

III

Acordou o Sol sem mágoas,  
Contente do seu sonhar.  
Viu-se no espelho das águas,

E, com o sangue a ferver,  
Disse com voz levantada:  
— «Nunca ninguém há-de ver  
A minha cara pintada»

Eis a razão, que não esquece,  
Porque não se pode olhar  
Para o Sol que nos aquece.

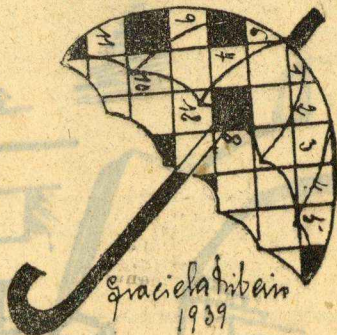
ROGERIO CLARO

ADIVINHA PALAVRAS ADIVINHA  
CRUZADAS



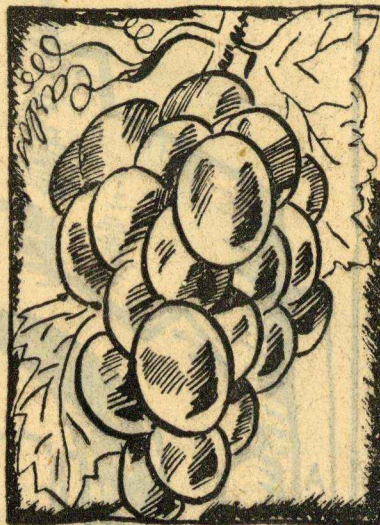
Como de resto quasi todos os sábios, o nosso «Sabão» é um distraído terrível. Ai vai ele, agora, a passelo, sem reparar que tem cinco erros que provocam o riso a todos. Além disso, ha um outro erro, colossal, na posição do desenho. Serão os leitores do «Pim-Pam-Pum» capazes de os descobrir a todos?

Horizontais:—1, tempo do verbo tremer; 6, abrigo, refúgio; 7, consoante; 8, tempo do verbo moer; 9, particularidade dos tempos fabulosos



ou heroicos; 10, apelido; 11, dez vezes cem.

Verticais:—6, consoante; 9, consoante; 11, consoante; 1, Estado da Africa setemprional; 2, letras da palavra ar; 12, igual, semelhante; 3, lugar deserto, solidão; 4, grito do galo; 5 partida.



Meus meninos:

Vejam se descubrem o dono destas uvas e como se chama.

NINGUEM DEVE FAZER MAL FAROFIAS  
O PATETINHA

(Continuação da página 4)

(Continuação da página 4)

MANUEL (fingindo que procura) (A Lourenço)

— Não! Não sei... Eu não o trago. Vem comigo, meu amor.

Ah, já sei! Caiu ao lago

Quando me estava a entreter...

Foi o vento que...

AVÓ

— Não mintas!

MANUEL (choro)

— Não avó...

AVÓ

— Não pode ser...

Diz já: — que fizeste ao lenço?

MANUEL (contradizendo-se)

— É que eu estava a escrever

E sujei-o com as tintas.

AVÓ

— Vamos, meu amor, não mintas,

Dize já, que lhe fizeste...

MANUEL

— Mas, avó, se eu o não trago

E' porque caiu ao lago...

AVÓ (pesarosa)

— Então, se tu o perdeste,

(Para Lourenço)

Come tu o pão de ló.

LOURENÇO

— Perdõe, minha qu'rida avó,  
Mas só vou se o mano fôr.

MANUEL (zangado)

— Obrigado, não aceito.

AVÓ

— Vem, Lourenço, que é bem feito

P'ra êle ser cuidadoso,

E, depois, é mentiroso,

Pois a verdade não diz.

(Sai com Lourenço)

CENA IX

MANUEL (só e pesaroso)

— Reconheço o mal que fiz,

E agora fui malcriado,

Mas, p'ra ser bem educado,

A' avó vou pedir perdão.

E' verdadeiro o rifão

Que diz, afinal,

«Que nunca ninguém

Deve fazer mal,

A' espera d'ò bem»!

(Sai correndo, enquanto cai o pano)

Farófiás foi vê-la trabalhar e embasbacou ante o cavalete e a caixa das tintas.

A pintora inglesa meteu conversa.

— O menino quem é?

— Sou filho do dono da quinta?

— Ah! E gosta de me ver pintar

na sua quinta?

— O que eu gosto é que a senhora esteja na seara, respondeu o Farófiás. Diz o caseiro que é preciso aqui pôr um espantalho para os pardais.

Farófiás tinha uma irmã ainda pequena, mas muito feia e mais pateta e mais presumida do que êle. A gente da aldeia troçava-a, porque a tolinha se pintava muito. Farófiás gostava da aldeia porque podia correr atrás dos carneiros, e a irmã não gostava da ald'ia porque os garotos corriam atrás dela.

— Chamam-me drogaria! Dizem que eu me pinto! Riem-se de mim! clamava ela, desesperada.

— Deixe-os lá! consolava-a o Farófiás. Se as raparigas da aldeia fossem tão feias como tu, também se pintavam, com certeza!

Fim

1 UMA ALDEIA  
INDÍGENA

